

ASPECTOS DA PRODUÇÃO DOS VOCÁBULOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS



Maria Aparecida Barbosa¹

(Professora Titular, aposentada, do Departamento de Linguística da FFLCH/USP - São Paulo/Brasil)
mapbarbosa@uol.com.br

Uma das questões mais árduas e, ao mesmo tempo, estimulantes, no campo das aplicações da lexicologia, de relevante interesse, para áreas de longa tradição, como o ensino de línguas, ou para aquelas muito sofisticadas, como o tratamento da informação, é a que diz respeito à produção de dicionários e obras congêneres, tomados aqui, enquanto discursos culturais, produtos e produtores de recortes culturais, não só da língua em sua totalidade, mas também dos grupos regionais, dos estratos sociais, dos universos de discurso de classes profissionais. Por certo, dicionários, vocabulários e glossários, quando submetidos a um cuidadoso procedimento léxico-semântico, permitem uma recuperação de informação mais eficiente, donde a importância do desenvolvimento de métodos de análise, classificação e processamento lexicológico-lexicográfico-terminográfico, sobretudo ao tratar-se da produção de vocabulários técnico-científicos, extremamente necessários face aos avanços da ciência e da tecnologia no mundo contemporâneo.

A problemática da tipologia de dicionários, da tipologia de conceituação e da tipologia de compilação das unidades do léxico, por exemplo, dentre vários outros aspectos, exige profundas reflexões, intensa pesquisa, a elaboração de modelos teórico-práticos mais eficazes, que deem conta das atividades lexicográficas e terminográficas, em sua complexa multidisciplinaridade, em seu dinamismo.

Na sociedade moderna, industrial e pós-industrial, constituem os vocábulos técnico-científicos um instrumento de trabalho indispensável ao especialista, de reconhecida validade para todas as áreas do conhecimento. O papel que desempenham na investigação científica, fundamental e aplicada, tem levado a considerá-los como uma das condições do desenvolvimento científico e tecnológico.

Apresentando-se com aparência de rigor metalinguístico e de busca de neutralidade teórica e/ou política, caracterizam-se, na verdade, por fortemente modalizados em suas

BARBOSA. Aspectos da produção dos vocábulos técnico-científicos
Belas Infêis, v. 2, n. 2, p. 7-15, 2013.

estruturas de poder, determinantes de sua eficácia, revelando-se um espaço discursivo privilegiado de persuasão e de manipulação. À modalidade complexa instauradora e fundadora, o poder-fazer-saber, associam os vocabulários técnico-científicos as modalidades do poder-fazer-querer e do poder-fazer-creer (da persuasão e da sedução), conduzindo ao poder-fazer-fazer (da manipulação).

Como parte do léxico e manifestando-se como representantes de universos de discurso complexos, do tipo do discurso científico-tecnológico-pedagógico, produzem, refletem, veiculam e sustentam uma “visão de mundo”, de classe social e de grupo profissional, impondo-a, via de regra, aos usuários, por seu efeito de sentido de “verdade”, tornando-os prisioneiros de uma ideologia, condicionando e dirigindo a sua prática.

Por outro lado, a carência de vocábulos especializados em áreas científicas e tecnológicas se verifica em muitos países ditos em vias de desenvolvimento. Nesse sentido, as tentativas de suprir semelhante lacuna pela importação e/ou tradução de vocábulos dessa natureza, produzidos em países altamente desenvolvidos, configura-se como mais um processo, dentre outros, que tende a impor um modo de ver que acentua a situação de dependência e reforça as relações de dominação.

Além disso, os vocabulários dessa ordem estão intimamente vinculados, como é evidente, ao processo histórico de produção, acumulação e transformação do conhecimento, às características próprias aos discursos científico e tecnológico, que não se pode, portanto, desconsiderar.

Assim, o universo de discurso metalinguístico de uma ciência, - representação e síntese das suas descobertas e do saber construído -, se preciso e bem elaborado, leva a aprimorar a prática profissional em toda a sua abrangência e, conseqüentemente, essa mesma prática pode realimentar tal discurso com novos “fatos” e novas unidades linguísticas, reafirmando o processo de alimentação e realimentação da ciência básica e da ciência aplicada e/ou tecnologia.

Com efeito, os modelos científicos e tecnológicos aperfeiçoam-se, com a própria mudança dos “fatos” que constituem o seu objeto de estudo, com os avanços da investigação, de modo que evoluem, concomitantemente, os seus discursos linguísticos, daí resultando a necessidade do rediscurso constante da ciência e da tecnologia, de sua definição e limites, do seu objeto, dos seus métodos e técnicas, da sua metalinguagem.

Como se sabe, toda ciência ou tecnologia, seja do ponto de vista epistemológico, seja do metodológico, seja, ainda, daquele da construção do seu saber metalinguístico, estabelece

relações de cooperação – interdisciplinares, ao nível das ciências básicas, ou ao nível das ciências aplicadas, e de alimentação e realimentação entre estas e aquelas – estreitas, com outras ciências básicas, ciências aplicadas e/ou tecnologias. Esse processo de contribuição recíproca, entre tais disciplinas, não lhes retira, contudo, a especificidade do objeto de estudo, campo, métodos e técnicas e, até mesmo, de modelos e de metalinguagem. De fato, sustentando-se todas nesse relacionamento complexo e dinâmico de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, alimentação e realimentação, intra- e inter-áreas do conhecimento humano, perseguem, efetivamente, objetivos comuns: a busca da verdade, a análise e descrição do seu objeto, a redução dos fatos a modelos, a construção do saber, o aprimoramento da qualidade de vida, a construção de um discurso metalinguístico específico.

Considerando-se, apenas, o último aspecto apontado, o do discurso metalinguístico, é lícito dizer-se que a prática de uma ciência básica ou aplicada, a sua produtividade e crescimento demonstram a imperiosa necessidade de construção e permanente reconstrução de um vocabulário próprio, preciso e consensual, instrumento de análise e descrição, que não somente permite defini-las e circunscrevê-las, enquanto disciplinas, como também lhes proporciona a aplicação mais rigorosa, produtiva, eficaz dos princípios, métodos e técnicas. Uma ciência que não conseguisse autodefinir-se, não teria identidade, não poderia delimitar nem o seu objeto de estudo, nem os seus processos de atuação. Dessa forma, uma ciência ou tecnologia vão constituindo-se e delimitando-se como tais, no processo histórico de acumulação e transformação do conhecimento, à medida que, simultaneamente, se vão delimitando o seu objeto formal, os métodos e técnicas de análise e descrição desse mesmo objeto e à medida que, igualmente, se vai consolidando a sua metalinguagem. Noutros termos, com a precisa definição de seus termos, e somente assim, determinam-se claramente os fatos próprios ao seu universo, seus métodos e técnicas. É legítimo afirmar, pois, que a construção da ciência é indissociável da construção da sua metalinguagem. À proporção que se vai constituindo, consolida-se a ciência e a sua identidade epistemológica.

Nessas condições, o vocabulário técnico-científico é, ao lado das outras obras lexicográficas, um dos instrumentos imprescindíveis para o recorte dos “fatos” científicos, para a armazenagem e recuperação desses dados, para a comunicação mais intensa e eficiente entre especialistas, no interior de uma área científica, e entre áreas científicas. Além disso, assinala-se por importante instrumento da pesquisa e de sustentação do arcabouço teórico da própria ciência.

Diante disso, compreende-se que os vocabulários técnico-científicos assumam, em sua natureza e processo de produção, atributos dos discursos científico e tecnológico, os princípios que os sustentam e, sobretudo, a sua ideologia necessária. Contudo, esses vocabulários não podem deixar de ser, simultaneamente, é claro, obras terminográficas, dotados da natureza e processo de produção que as caracteriza, sustentando, por conseguinte a ideologia necessária que lhes é específica, condição peculiar que os obriga a articular dialeticamente esses atributos, ideologia e processos.

Semelhante articulação é, por vezes, harmônica, por vezes, conflitante, sempre complexa, de sorte que essa dupla fidelidade impõe, no estudo de tais vocabulários, se leve em conta a sua natureza terminográfica propriamente dita.

É preciso ressaltar, pois, que, como qualquer outro universo de discurso, o discurso lexicográfico/terminográfico, em geral, e o discurso lexicográfico/terminográfico técnico-científico, particularmente, são produto e produtores de “fatos”, ou seja, instauradores de uma informação, de uma significação e de uma “verdade”. Essa “verdade”, que resulta da projeção do homem sobre o homem mesmo e o mundo, mas que está muito longe de ser uma mera representação positiva do “real”, uma vez gerada, formada enquanto recorte cultural, no âmbito de uma coletividade ou nos discursos de um indivíduo apenas, torna-se um elemento modelizante e determinador de valores linguísticos. Sociais, culturais e políticos.

De fato, a língua e os seus discursos constituem um instrumento privilegiado da construção e reconstrução dos elementos que integram e conformam o sistema de valores de um grupo humano, eis que na língua e nos seus discursos se expressam, se veiculam, se viabilizam e se transformam as práticas sociais e culturais.

Desse modo, o universo de discurso lexicográfico/terminográfico à semelhança dos demais universos de significação, sustenta-se como uma instância de construção do “real”, do “mundo semioticamente construído”, possui sua substância e forma de significação (HJELMSLEV, 1968) própria, tem modalidades e marcas discursivas específicas, mas, diferentemente da maioria daqueles, apresenta uma característica bastante peculiar: a de construir um saber tido, por definição, como veridictório, do ângulo da sua função na sociedade, ou, se preferirmos, e por isso mesmo, da sua aceitabilidade. Nesses termos, o discurso lexicográfico/terminográfico propõe-se a construir um “real” até certo ponto inquestionável e não falseável. Sua índole é mais imperativa que consultiva, face à concepção de sistema de Coseriu (1969).

Dessa maneira, o discurso lexicográfico/terminográfico engendra um “real”, uma “verdade” que é inferida do “real” e das “verdades” geradas em outros discursos, manifestados e atestados, razão que o torna tanto mais confiável, quando se configura como o registro objetivo das unidades lexicais e respectivos significados, efetivamente usados ou criados naqueles discursos e que definem normas de sujeitos falantes/ouvinte de determinados grupos sócio-linguístico-culturais.

Conseqüentemente, o conjunto de suas grandezas sîgnicas (HJELMSLEV, 1968) assume o caráter de um meta-discurso e suas correspondentes definições, o de meta-meta-discurso, ou, noutros termos, de meta-meta-“verdade”. Registrando, compilando e definindo vocábulos que são modelos de realização (normas) de atos de fala, de discursos, e, numa perspectiva quantitativa, fatos linguísticos de alta frequência e de distribuição regular entre os falantes (se se considera a norma de um grupo), ou fatos de alta frequência e de distribuição regular nos discursos de um falante (se se considera a norma de um indivíduo), o texto lexicográfico constrói-se a partir das formas consagradas pelo uso, parecendo ser o mais fidedigno possível, e, por isso mesmo, é tido e tomado, em sociedade, por um discurso de alta confiabilidade.

Esses e outros aspectos, como, por exemplo, o de uma pretendida universalidade – no sentido matemático de conjunto de todas as partes, utilizadas e atestadas – e exaustividade -, em relação a uma ou várias normas, conforme o caso, conferem-lhe o poder de fazer que as coisas ditas sejam consideradas verdadeiras (PAIS, 1978), de ser, assim, reconhecido como portador de uma “verdade” praticamente inquestionável, na mesma medida em que se considera que, de modo “neutro” e “objetivo” se limita a registrar a produção de outros discursos, sem nela interferir. Assim, na vida social, falseiam-se, com relativa facilidade, os discursos pedagógico, político, burocrático, jornalístico, religioso, dentre outros, mas dificilmente se desconfia dos discursos lexicográfico/terminográfico: critica-se lhe, por vezes, entre especialistas, o tipo de definição ou o de compilação, contudo muito raramente se lhe questiona a veracidade, no tocante à objetividade dos dados levantados.

Entretanto, como qualquer outro, o discurso lexicográfico/terminográfico é, evidentemente, o resultado da produção de sujeitos de enunciação, que o modalizam e o modelizam, de acordo com a maior ou menor projeção que efetuam sobre os eventos, segundo seus diferentes objetivos e concepções. Além disso, nesse tipo de discurso, em particular, coexistem dialeticamente as manipulações do produtor e a sua ideologia contingente, de um lado, e a ideologia necessária do universo de discurso considerado, o “dizer verdadeiro”, de

outro. Entretanto, embora falseável em vista do seu processo de produção, é, não obstante, reconhecido como um dos discursos, como vimos, que maior grau de confiabilidade apresenta.

Desse ângulo, no conjunto das obras lexicográficas/terminográficas, os vocabulários técnico-científicos revestem-se de um caráter de neutralidade e objetividade ainda mais acentuado, por sua função específica de representarem a linguagem técnica e científica, com o seu estatuto sociossemiótico e a ideologia necessária do “dizer verdadeiro”, que a sociedade confere a essa linguagem, e que tais vocabulários assumem explicitamente, acrescentando-os e combinando-os ao “dizer verdadeiro”, próprio da natureza do texto lexicográfico.

Isso não impede, obviamente, que tenham sido elaborados e sejam conhecidos exemplos de vocábulos técnico-científicos, geralmente produzidos em países altamente desenvolvidos, que resultam do trabalho de grupos imperialistas – movidos, ao que declaram pelo intuito de “ajudar” —, que pretendem direcionar tal ciência ou tecnologia, objetivando inculcar ideologias, impor valores, criar necessidades, sufocar culturas, enfim, dominar.

Ao nível dos elementos configuradores de uma tipologia discursiva, se procurarmos situar os universos de discurso, como classes de discursos, num *continuum*, num eixo que vai do maior ao menor grau de subjetividade, do ponto de vista de quem o enuncia, diríamos que o discurso lexicográfico/terminográfico se propõe colocar, por definição, no ponto de maior objetividade, em relação aos demais, e que o vocabulário técnico-científico, por sua vez, dentre as obras lexicográficas/terminográficas, se propõe a atingir o maior grau de objetividade:

+ Subjetividade				+ Objetividade +
-				-
Discurso literário	Discurso político	Discurso jornalístico	Discurso lexicográfico/terminográfico	Discurso do vocabulário técnico-científico

São, pois, oportunas as palavras de Vilela (1983), quando diz que é necessário “saber qual a verdade que se pretende para o dicionário”, afirmação que nos conduz a refletir sobre dois aspectos fundamentais: de uma lado, é possível pensar na “verdade” do estabelecimento de uma tipologia de definição, de uma tipologia de compilação, em suma, de uma tecnologia variável segundo a própria natureza do dicionário que está sendo elaborado ou que se quer

elaborar; de outro lado, é legítimo suscitar certos questionamentos a propósito de quem, como, com que objetivos, produz o discurso lexicográfico/terminográfico, e para quem o faz.

Com efeito, as unidades lexicais selecionadas para integrar determinada obra lexicográfica/terminográfica, as definições que lhes são atribuídas, os traços semânticos enfatizados, essas e outras questões parecem indicar que se trata da “verdade” de alguém ou de um grupo que está sendo engendrada, já que nela se constrói um “real”, nela se constituem recortes, recortes culturais da “realidade”. Levados às últimas consequências, em distorções variadas, esses aspectos poderiam imprimir a esse discurso características nada desejáveis aos fins que se propõe.

Sem dúvida, a tomada de consciência em relação a esses problemas, aliada ao emprego de uma metodologia adequada à sua produção, sobretudo no que concerne à escolha dos traços semânticos caracterizadores das definições de suas unidades lexicais, pode contribuir decisivamente para um aumento da sua eficácia e confiabilidade. Para que essas definições, elaboradas com o uso de critérios e metodologia da análise léxico-semântica e semântico-sintática rigorosos, possam corresponder, da maneira mais próxima possível, à concepção que lhes atribui uma área de conhecimento, devem elas resultar, ainda, de uma consulta à literatura especializada e aos próprios especialistas do grupo, que as concebem e utilizam, de modo a torná-las fidedignas, tanto quanto possível, ao *corpus* analisado e descrito. Dentro de um mesmo sistema sócio-linguístico-cultural, tais definições devem decorrer, também, de uma coleta de dados, realizada numa perspectiva diatópica e diastrática, porém sinfásica (COSERIU, 1981). Devem necessariamente resultar, pois, de uma compatibilização dos atributos semânticos comuns e divergentes fornecidos pelos informantes. Formuladas tais definições, enfim, têm de ser submetidas ao julgamento de membros da comunidade científica ou tecnológica interessada, assessorados pelo lexicógrafo/terminógrafo, no que tange à tipologia e tecnologia de conceituação.

Atendidas essas condições e tomadas essas cautelas, o vocabulário técnico-científico, como texto que permite armazenar e recuperar os vocábulos (MULLER, 1968) empregados por um grupo especializado, detém as melhores possibilidades de refletir – fidedigna e exaustivamente – o seu universo semântico, linguístico e semiótico. Caso assim não acontecesse, representaria apenas parcialmente esse conjunto e enfatizaria, ao contrário, a visão que o pesquisador lexicógrafo/terminógrafo tem das concepções dessa comunidade e os valores que deseja imprimir aos seus membros; nessa hipótese, semelhante vocabulário deixaria de ser a representação dos valores de uma comunidade, para transformar-se num

instrumento de modalização/modelização, segundo a qual deveriam passar a conceber o seu mundo; nessa hipótese negativa, ainda, perderiam as obras desse tipo o seu caráter artificial, que poderia mesmo chegar a anular ou sufocar aspectos específicos e peculiares do grupo envolvido.

Compreende-se, por conseguinte, que a elaboração dos vocabulários técnico-científicos exige, simultaneamente, o uso de metodologia rigorosa e a constituição de equipes multidisciplinares, que, isentas de qualquer espírito xenófobo ou nacionalisteiro, queiram e saibam preservar a obra dos efeitos funestos da invasão e dominação culturais, em defesa da identidade cultural da sociedade.

A propósito do estatuto e das funções dos dicionários no meio social, cumpre citar as importantes observações de Girardin (1979, p. 99):

D'autre part le dictionnaire en tant que description d'une culture, est au sein même de la société ; il en reflète l'idéologie dominante, mais aussi les luttes de tendances. C'est pourquoi la censure n'atteint jamais parfaitement son but. L'exclusion, le « rejet » du mot de la nomenclature n'est jamais l'assurance que celui-ci n'apparaîtra pas dans la microstructure (...) Ces phénomènes signalent une modification des systèmes idéologiques. En cela le dictionnaire est l'indicateur de toute transformation sociale, il enregistre, même là où elles ne font que poindre, les phases transitoires des changements sociaux.

14

A complexa problemática da elaboração dos vocabulários técnico-científicos e especializados mostra-se, pois, de grande relevância e requer, com urgência, em nosso país, uma maior atenção por parte dos pesquisadores da área de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia reclama a definição de uma política de incentivo à sua produção, que promova com responsabilidade científica e social, com vistas ao incremento do desenvolvimento científico e tecnológico, e simultânea e harmonicamente, à preservação do patrimônio linguístico, cultural e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, M.A. Modelos em lexicologia. In: **Língua e literatura**. São Paulo: FFLCH-USP, n.9, 1980, p. 261-279.
- COSERIU, E. *Lecciones de lingüística general*. Madrid : Gredos, 1981.
- FILLIOLET, J. *et al. Linguistique française. Initiation à la problématique structurale*. Paris : Hachette, 1977.
- GIRARDIN, C. Contenu, usage social et interdits dans le dictionnaire. In. *Langue française*. Paris : Larousse, n. 43, setembro de 1979.
- GUILBERT, J. *Langue française*. Paris: Larousse, n. 17, fev. 1973.
- HAINSHE, G. *et al. La lexicografia*. Madrid : Gredos, 1982.
- MULLER, L. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris : Minuit, 1968.
- MULLER, Ch. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.
- PAIS, C.T. Estruturas de poder dos discursos: elementos para uma abordagem sócio-semiótica. In: **Língua e literatura**. São Paulo: FFLCH-USP, n, 7, 1978, p. 39-49.
- PICOCHÉ, J. *Précis de lexicologie française*. Paris: Nathan. 1977.
- VILELA, M. **Definição dos dicionários de português**. Porto: Edições Asa, 1983.

ⁱ Currículo lattes. Maria Aparecida Barbosa. <http://lattes.cnpq.br/3880203141904322>.